

A COR E O PROFESSOR DE ARTE: O ENSINO DA COR NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

Milena Quattrer

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
milena.quattrer@ifrj.edu.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6941-8008>

Anna Paula Silva Gouveia

Universidade Estadual de Campinas
annagouveia@iar.unicamp.br

RESUMO

O presente artigo se propõe a apresentar os apontamentos e reflexões gerados a partir das análises do questionário semiaberto respondido por professores de Arte atuantes nas redes pública e particular de educação básica brasileira, acerca do ensino e estudo da cor nas aulas de Arte. As análises permitem afirmar que faltam aos professores de Arte conhecimentos teóricos básicos, materiais e estrutura física adequada que os possibilitem desenvolver procedimentos de ensino-aprendizagem sobre cor em consonância com as circunstâncias e necessidades da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: *Cor. Professor de Arte. Livro didático.*

ABSTRACT

The present article aims to present appointments and reflections generated from the analysis of a questionnaire about teaching and study of color in art classes, answered by Art teachers who work in public and private Brazilian schools. The analyzes have revealed that the art teachers lack basic theoretical knowledge, materials and adequate physical

QUATTRER, Milena; GOUVEIA, Anna Paula Silva. **A Cor e o Professor de Arte: O Ensino da cor na educação básica brasileira.**

PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v.7, n.14: nov.2017
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

165

structure that enable them to develop teaching-learning procedures on color in accordance with the circumstances and needs of contemporary society.

Keywords: *Color. Art Teacher. Schoolbook.*

No intuito de compreender o ensino e estudo da cor nas aulas de Arte da educação básica brasileira e verificar se o professor utiliza o livro didático de Arte em suas aulas como fonte de consulta e apoio às aulas teóricas e práticas¹, optou-se por aplicar aos professores de Arte da educação básica o questionário semiaberto intitulado 'A cor e o professor de Arte'. O questionário destinado aos docentes de Arte foi elaborado com auxílio da ferramenta Google Forms®, seguiu as diretrizes e os protocolos éticos², apresentando questões fechadas e de múltipla escolha combinadas a questões abertas nas sessões: (i) atuação profissional, (ii) formação acadêmica e (iii) a teoria da cor nas aulas de Arte. A divulgação se deu pela internet por meio de mídias sociais e, de modo a garantir a liberdade de participação (amostragem de conveniência) do colaborador, sua integridade, privacidade, sigilo e confidencialidade, não foram solicitados dados que pudessem identificá-lo. Sendo assim, os relatos fornecidos pelos professores nas questões abertas, e que estão citados ao longo das análises a seguir, receberam a etiqueta Pn, em que a letra P se refere a professor, e n se refere ao número de identificação do questionário preenchido no Google Forms®.

Ao todo, o questionário foi respondido por 193 professores de Arte, atuantes nas redes pública e particular de educação básica do Brasil, que colaboraram com a pesquisa ao relatarem suas experiências com o ensino de cor nas aulas de Arte. Como é possível observar a seguir, no quantitativo total de respostas para cada questão, há questões que contam com menos respostas do que o total de questionários respondidos. Isso se deve ao fato de se ter optado não tornar obrigatório o preenchimento de todas as questões para a submissão do questionário.

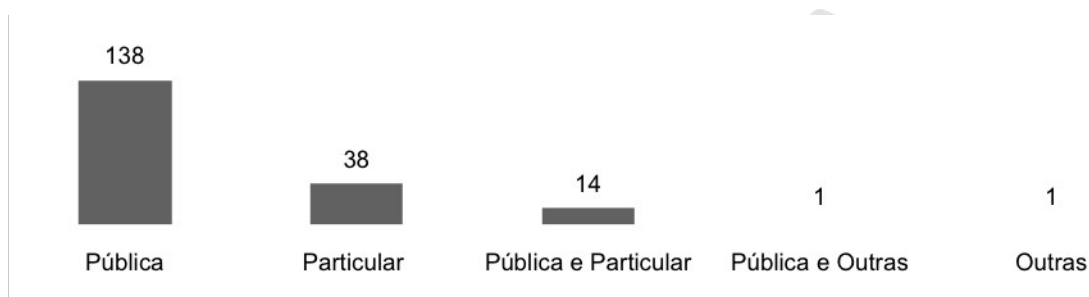


Gráfico 1: Natureza da instituição de ensino em que os professores atuam no componente curricular Arte.

1 ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Iniciou-se o questionário perguntando aos professores sobre a natureza da instituição de ensino em que atuam como professor de Arte: 'Pública', 'Privada' e/ou 'Outras' (Gráfico 1). Dos 191 professores que responderam a essa questão, 138 atuam na rede pública de ensino, 38 na rede privada, 14 atuam nas duas redes e 2 marcaram a opção 'Outras', sendo que 1 indicou rede pública e ONG e o outro indicou ONG na área de Artes.

Perguntou-se também sobre o nível e modalidade de ensino em que atuam como professores de Arte na educação básica (Tabela 1). Mais de uma opção pôde ser selecionada.

Tabela 1: Níveis e modalidades de ensino em que os professores atuam no componente curricular Arte.

Nível e Modalidade de Ensino	Quantitativo
Educação de Jovens e Adultos (EJA)	3
Ensino Fundamental I	28
Ensino Fundamental I e EJA	1
Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II	24

Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e EJA	3
Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio	12
Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA	4
Ensino Fundamental I e Ensino Médio	4
Ensino Fundamental II	26
Ensino Fundamental II e EJA	2
Ensino Fundamental II e Ensino Médio	26
Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA	5
Ensino Infantil	2
Ensino Infantil e EJA	1
Ensino Infantil e Ensino Fundamental	10
Ensino Infantil, Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II	1
Ensino Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e EJA	1
Ensino Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio	8
Ensino Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA	2
Ensino Infantil, Ensino Fundamental I e Ensino Médio	1
Ensino Infantil, Ensino Fundamental II e Ensino Médio	1
Ensino Médio	12
Ensino Médio e EJA	3

Como é possível observar na Tabela 1, ao todo são 109 o quantitativo de professores que atuam em duas ou mais modalidades e/ou níveis de ensino. A baixa carga horária das aulas de Arte que varia entre 1, 2 ou 3 horas/aulas semanais por turma - a depender da modalidade da educação básica, nível ou rede de ensino - resulta em um mesmo professor de Arte atuando desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio, incluindo o Ensino Fundamental e EJA, como é o caso de 8 professores que colaboraram com a pesquisa. Além do mais, para completar sua jornada, muitas vezes, o professor acaba por atuar em mais de uma escola e/ou rede de ensino. Isso exige do professor um maior planejamento e flexibilidade em suas aulas para adaptar sua abordagem sobre os conteúdos trabalhados com os alunos, como a teoria da cor, por exemplo, levando em conta os Projetos Político-Pedagógicos (PPP) das escolas, as Diretrizes Curriculares estaduais e/ou municipais, quando for o caso, bem como os sistemas apostilados e livros didáticos adotados em programas como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Cabe ressaltar que, apesar de ser um questionário destinado aos professores de Arte da educação básica, 11 professores assinalaram a opção 'Outras' (Gráfico 2). São eles: 1 professor de Arte que atua no ensino técnico; 1 professor que atua no ensino médio, ONG e ensino superior; e 9 professores atuantes no ensino superior. De acordo com as respostas destes 9 últimos, são professores que atuam em cursos Licenciatura e formação de professores de Arte.

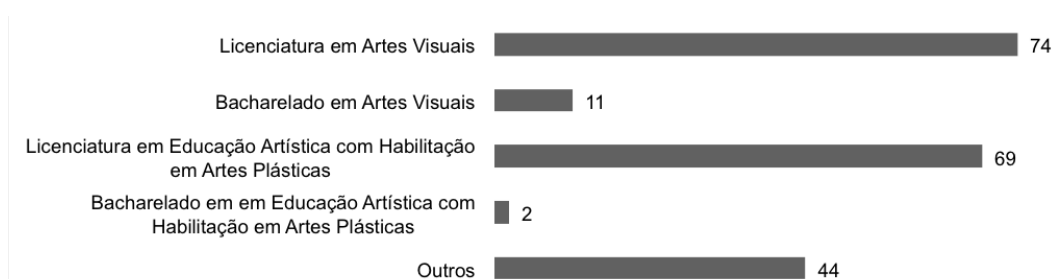


Gráfico 3: Formação acadêmica dos professores de Arte.



Gráfico 2: Níveis de ensino em que os professores colaboradores atuam.

Devido ao recorte para o presente artigo, as respostas dos 9 professores colaboradores que atuam somente no ensino superior, bem como o professor colaborador que atua em ONG foram desconsideradas nas análises das sessões 2 'Formação acadêmica' e 3 'Teoria da cor nas aulas de Arte'.

2 FORMAÇÃO ACADÊMICA

Deu-se sequência ao questionário com perguntas sobre a formação acadêmica dos professores. Dos 185 professores atuantes na educação básica, 175 responderam sobre a sua graduação (Gráfico 3), selecionando dentre as opções: (i) Bacharelado em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas; (ii) Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas; (iii) Bacharelado em Artes Visuais; (iv) Licenciatura em Artes Visuais; e (v) Outros. Vale ressaltar que o professor pôde selecionar mais de uma opção e também incluir outra graduação ao selecionar a opção 'Outros'.

Dentre os 44 professores que selecionaram a opção Outros, 16 incluíram graduações que não haviam sido contempladas nas opções anteriores apresentadas pelo questionário. São elas: Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Desenho; Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Desenho Geométrico; Licenciatura em Desenho; Licenciatura em História da Arte e Artes Plásticas; Bacharelado em Artes Cênicas; Licenciatura em Artes Cênicas; Bacharelado em Dança; Licenciatura em Dança; Licenciatura em Música; Bacharelado

em Arquitetura e Urbanismo (o professor afirmou que atua no ensino médio técnico da rede particular); Licenciatura em Pedagogia; Bacharelado em Comunicação (o professor alegou possuir Especialização e Mestrado em Artes); Bacharelado em Ciências Físicas e Biológicas (o professor afirmou ser graduado também em Licenciatura em Pedagogia); Licenciatura em História e Geografia (também neste caso o professor afirmou ser graduado em Licenciatura em Pedagogia).

Cabe ressaltar que Arte é o componente curricular com a maior defasagem de professores com formação adequada atuando na educação básica, segundo o relatório do Movimento Todos Pela Educação para o Observatório do Plano Nacional de Educação - PNE³ com dados do Censo Escolar da Educação Básica 2013. De acordo com PNE, considera-se formado adequadamente para atuar no componente curricular Arte aquele que possua: Licenciatura em Educação Artística, Artes Visuais, Dança, Música, ou Teatro; ou Bacharelado com complementação pedagógica na mesma área do componente curricular Arte. Sendo assim, dos 184 professores que responderam sobre sua graduação, 175 apresentam formação superior adequada na área de Arte. São elas: Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas; Licenciatura em Artes Visuais; Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Desenho; Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Desenho Geométrico; Licenciatura em Desenho; Licenciatura em História da Arte e Artes Plásticas; Licenciatura em Artes Cênicas; Licenciatura em Dança; Licenciatura em Música; e Bacharelado com complementação pedagógica na mesma área do componente curricular Arte.

Solicitou-se aos professores que indicassem o nome da Instituição de Ensino Superior (IES) em que cursaram a graduação que os habilita ao ensino de Arte na educação básica. Obtivemos 183 respostas, listamos na, Tabela 2, as 38 IES públicas e, na Tabela 3, as 42 IES privadas de diversos estados brasileiros e Distrito Federal citadas pelos professores.

Tabela 2: Instituições de Ensino Superior (IES) de natureza pública em que os professores de Arte cursaram a graduação.

Instituição de Ensino Superior (IES) de Natureza Pública	UF
Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP	PR
Faculdade de Artes do Paraná - FAP	PR
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE	CE
Fundação Regional Educacional de Avaré - FREA	SP
Universidade da Amazônia	AM
Universidade de Brasília - UnB	DF
Universidade de Caxias do Sul - UCS	RS
Universidade de São Paulo - USP	SP
Universidade do Estado da Bahia - UNEB	BA
Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG	MG
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ	RJ
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP	SP
Universidade Estadual de Londrina - UEL	PR
Universidade Estadual de Maringá - UEM	PR
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes	MG
Universidade Estadual Paulista - UNESP	SP
Universidade Federal da Bahia - UFBA	BA
Universidade Federal da Paraíba - UFPB	PB
Universidade Federal de Alagoas - UFAL	AL
Universidade Federal de Goiás - UFG	GO
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG	MG

Universidade Federal de Pelotas - UFPel	RS
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	PE
Universidade Federal de Uberlândia - UFU	MG
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP	AP
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES	ES
Universidade Federal do Maranhão - UFMA	MA
Universidade Federal do Pará - UFPA	PA
Universidade Federal do Paraná - UFPR	PR
Universidade Federal do Piauí - UFPI	PI
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	RJ
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN	RN
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	RS
Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF	PE
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE	PE
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ	RJ
Universidade Regional de Blumenau - FURB	SC
Universidade Regional do Cariri - URCA	CE

Tabela 3: Instituições de Ensino Superior (IES) de natureza particular em que os professores de Arte cursaram a graduação.

Instituição de Ensino Superior (IES) de Natureza Privada	UF
Centro Universitário Metodista Bennett - UNIBENNETT	RJ
Centro de Ensino Superior de Uberaba - CESUB	MG

Centro Universitário Belas Artes	SP
Centro Universitário Claretiano	RJ
Centro Universitário Claretiano	PR
Centro Universitário de Araras - UNAR	SP
Centro Universitário de Barra Mansa - UBM	RJ
Centro Universitário de Jales	SP
Centro Universitário de Rio Preto - UNIRP	SP
Centro Universitário Fluminense - UNIFLU	RJ
Centro Universitário Ítalo Brasileiro - UniÍtalo	SP
Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI	SC
Centro Universitário Metropolitano de São Paulo - Unimesp	SP
Faculdade de Administração e Artes de Limeira - FAAL	SP
Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unaí - FACTU	MG
Faculdade do Centro Educacional de Niterói - FACEN	RJ
Faculdade Euclides da Cunha - FEUC	SP
Faculdade Santa Marcelina - FASM	SP
Faculdade São Luís de Jaboticabal	SP
Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO	MG
Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU	SP
	SP

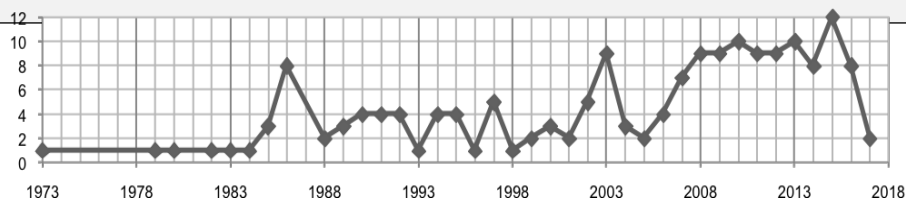
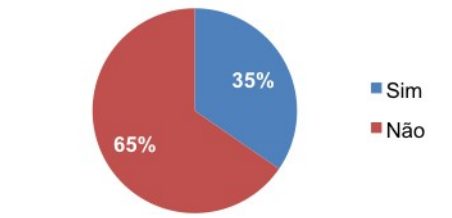
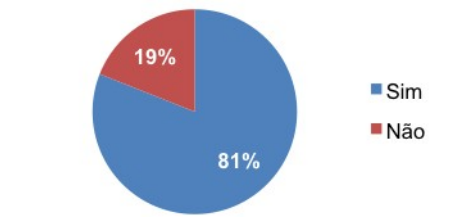


Gráfico 4: Ano de conclusão da graduação professores de Arte.

Fundação Armando Alvares Penteado - FAAP	
Instituto Cotemar	MG
Instituto Prisma	PR
Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC Campinas	SP
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas	MG
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC Rio	RJ
União Pioneira da Integração Social - UPIS	DF
Universidade Cruzeiro do Sul	SP
Universidade de Guarulhos - UNG	SP
 <p>Gráfico 5: Percentual de professores que cursaram e que não cursaram disciplina específica de teoria da cor na graduação.</p>	SC
Universidade do Contestado - UnC	
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO	
 <p>Gráfico 6: Percentual de professores que consideram e que não consideram o conteúdo estudado na disciplina de teoria da cor adequado para o trabalho de cor com os alunos em sala de aula.</p>	RJ
	SC

Universidade do Oeste Paulista - Unoeste	SP
Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul	SC
Universidade do Vale do Paraíba - Univap	SP
Universidade Luterana do Brasil - ULBRA	RS
Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES	SP
Universidade Norte do Paraná - UNOPAR	PR
Universidade Presbiteriana Mackenzie	SP
Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO	RJ

Em seguida, os professores foram convidados também a indicar o ano de conclusão da graduação. Assim como na questão anterior, 183 responderam a essa pergunta e no, Gráfico 4, estão apresentadas as respostas apenas dos 176 professores que cursaram graduação que os habilita ao ensino de Arte na educação básica.

Como mostra o Gráfico 4, os professores que colaboraram com o questionário se formaram entre os anos de 1973 e 2017, período que coincide com ampliação da oferta dos cursos de Educação Artística nas universidades brasileiras, a partir da medida do Governo Federal que criou cursos Licenciatura Curta em Educação Artística polyvalentes, que tinham como objetivo preparar em dois anos profes-

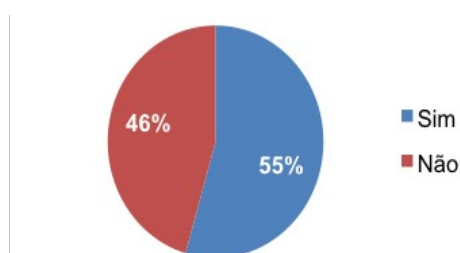


Gráfico 7: Percentual de professores que responderam sim ou não à questão 'A teoria da cor foi abordada em outras disciplinas ao longo da sua graduação?'.

sores para a disciplina de Educação Artística capazes de “lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico, tudo ao mesmo tempo, da primeira à oitava série, e em alguns casos, até o segundo grau” (BARBOSA, 2012, p.10).

Perguntou-se aos professores se, ao longo da graduação, eles cursaram alguma disciplina específica de teoria da cor. Os 185 professores atuantes na educação básica responderam a essa questão e, desse quantitativo, apenas 35% afirmaram ter cursado uma disciplina específica sobre teoria da cor ao longo de sua graduação (Gráfico 5).

Dos 35% de professores que cursaram disciplina específica de teoria da cor ao longo de sua graduação, 81% consideram o conteúdo estudado adequado para o trabalho de cor com os alunos em sala de aula (Gráfico 6).

Segundo o relato de um dos professores:

A teoria da cor é essencial para o aluno compreender os contrastes, as (sic) matizes e saturações e também a própria luz. A cor, quando bem entendida, facilita a própria percepção do aluno, em relação ao objeto artístico. (P025)

Outro professor toca em um ponto importante para o ensino da cor na educação básica, que será melhor explorado nas análises acerca do Gráfico 9:

A partir do conhecimento adquirido é possível trabalhar a linguagem das cores como um pouco de ciência. (P034)

Dos 19% de professores que não consideraram o conteúdo estudado adequado para o trabalho de cor com os alunos em sala de aula, destacam-se aqui alguns relatos:

A disciplina foi muito superficial em relação a cor da mesma maneira que aprendi no EF II [ensino fundamental] ainda era o quinto ano, a construção do círculo cromático, cores primárias, secundárias, terciárias. Somente em teoria da cor II (Gestalt) houve um aprofundamento onde a professora trabalhou com a cor de uma forma mais completa até mesmo com a obra de Arte analisando as cores apresentadas pelo artista. (P186)

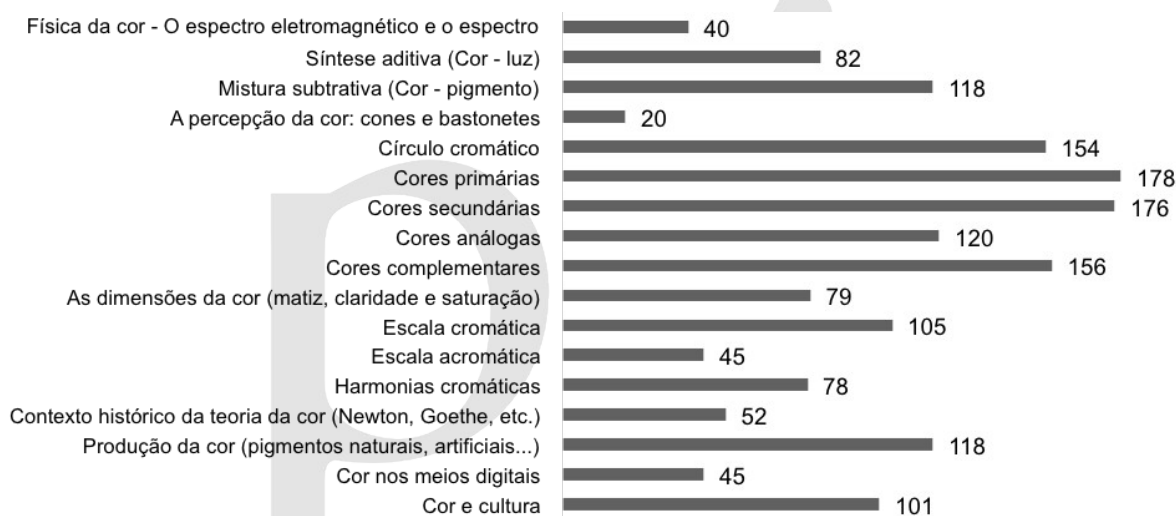


Gráfico 8: Conteúdos em teoria da cor trabalhados pelos professores nas aulas de Arte.

O professor dessa disciplina não dominava a técnica além de ser fraco com o conteúdo teórico. (P028)

O ensino sobre a cor atualmente está intimamente ligado à experiência com os artistas e suas obras. Quando cursei na graduação, meu professor não relacionava com nada. Fui aos poucos buscando cada vez mais novas estratégias. (P044)

Dos 65% de professores que não cursaram disciplina específica de teoria da cor na graduação (Gráfico 5), pouco mais da metade, ou seja, 55% afirmaram que a teoria da cor foi abordada em outras disciplinas ao longo da sua graduação (Gráfico 7).

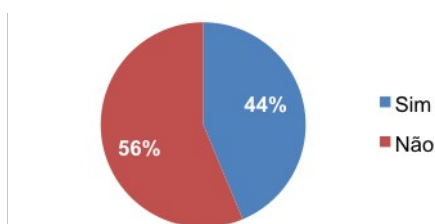


Gráfico 9: Percentual de professores que afirmaram ou negaram ter tido dificuldade em trabalhar cor nas aulas de Arte.

De acordo com os comentários dos professores colaboradores, a teoria da cor foi abordada em disciplinas como Desenho, Pintura e História da Arte. No entanto, para a maioria deles, isso se deu de modo “insuficiente” ou “superficial” como podemos observar nos relatos abaixo:

Nas aulas de pintura (laboratório de criação) ou desenho, às vezes os professores comentavam algo sobre composição com cores, cores complementares. Porém essa abordagem sempre foi superficial. (P145)

Através de experimentações durante a matéria de pintura foi abordada a cor de forma superficial. (P143)

Em disciplinas como desenho e pintura foi mencionado em algum momento, mas sempre brevemente. (P002)

Um dos professores, inclusive, relatou que desconhecia o fato de teoria da cor constituir uma disciplina específica em cursos de graduação na área de Artes. Por outro lado, houve relatos de um estudo mais aprofundado da cor em disciplinas como Fundamentos da Linguagem Visual e Teatro, como é possível observar abaixo:

Havia uma disciplina de Fundamentos da Linguagem Visual na qual fizemos um estudo sobre os matizes, saturações, clareamento e escurecimento. Na disciplina de Teatro tivemos um estudo sobre iluminação. Também foi abordada a psicologia das cores. (P118)

3 A TEORIA DA COR NAS AULAS DE ARTE

Esta etapa do questionário teve como objetivo conhecer um pouco sobre o trabalho com teoria da cor nas aulas de Arte. Desse modo, foi solicitado aos professores que assinalassem, a partir de uma lista pré-estabelecida, os conteúdos em teoria da cor trabalhados com seus alunos ao longo das aulas. São eles: (i) Física da cor - O espectro eletromagnético e o espectro ótico; (ii) Síntese aditiva (Cor - luz); (iii) Mistura subtrativa (Cor - pigmento); (iv) A percepção da cor: cones e bastonetes; (v) Círculo cromático; (vi) Cores primárias; (vii) Cores secundárias; (viii) Cores análogas; (ix) Cores complementares; (x) As dimensões

da cor (matiz, claridade e saturação); (xi) Escala cromática; (xii) Escala acromática; (xiii) Harmonias cromáticas; (xiv) Contexto histórico da teoria da cor (Newton, Goethe, etc.); (xv) Produção da cor (pigmentos naturais, artificiais...); (xvi) Cor nos meios digitais; (xvii) Cor e cultura. Dos 185 professores atuantes na educação básica, 183 responderam a essa pergunta em que mais de um conteúdo pôde ser selecionado (Gráfico 8).

Como é possível observar no Gráfico 8, os conteúdos em teoria da cor que envolvem conhecimentos de Física e Biologia, como é o caso da percepção da cor, por exemplo, foram selecionados por poucos professores. Devido a alguns fatores determinantes como: (i) a falta de espaço adequado para o ensino de Arte, que ofereça equipamentos e recursos materiais específicos para o trabalho nas linguagens artísticas (MOGNOL Apud SILVA, [s.d], p.10); e (ii) ao caráter interdisciplinar da cor que envolve, além das artes visuais, questões importantes da física, química, biologia, psicologia, linguagem e filosofia (GAGE, 2006, p.7), são comuns os professores que optam por trabalhar a cor com seus alunos de forma pouco aprofundada ou até mesmo não abordar esse conteúdo em suas aulas.

Ao serem questionados se já tiveram alguma dificuldade em trabalhar teoria da cor em sala de aula, 56% dos professores responderam 'não' enquanto 44% responderam 'sim' (Gráfico 9).

Aos professores que responderam 'sim' foi solicitado que especificassem suas dificuldades. De modo geral, os professores se queixaram da inexistência de um espaço físico adequado para o ensino de Arte e da falta de recursos materiais. Segundo os relatos, isso dificulta e, muitas vezes, impossibilita a aplicação de determinadas atividades e exercícios sobre teoria da cor que envolvam o uso de tintas ou mesmo a projeção de luzes. A seguir, são apresentados os relatos dos professores colaboradores sobre suas dificuldades em relação à quantidade e à qualidade dos materiais fornecidos pela escola:

Tenho dificuldade nas atividades práticas, com experimentação de misturas de cores primárias, por falta de espaço e os próprios materiais fornecidos sempre a menos do que o necessário. (P020)

Nem todas as misturas alcançam os resultados desejados devido ao pigmento da tinta (...). (P143)

Trabalhei uma vez com síntese aditiva mas tive dificuldades técnicas para fazer com estudantes a experiência de misturar cor luz. (P156)

De modo a superar essas dificuldades, muitos professores relataram ter concentrado mais as suas aulas em questões teóricas do que práticas, ter focado as atividades no uso do lápis de cor ou mesmo já ter comprado materiais com seus próprios recursos financeiros para utilizar com os alunos:

Às vezes comprava as tintas e outras usava apenas giz de cera e o que tinha para trabalhar. (P011)

Trabalhei em menor escala, fazendo as misturas como demonstração para observação pelos alunos. (P020)

Além disso, há também relatos de dificuldades acerca da duração e frequência das aulas de Arte e da indisciplina dos alunos, o que afeta significativamente o trabalho do professor em sala de aula.

Devido ao tempo dedicado às aulas de artes (uma aula por semana) o conteúdo acaba sendo reduzido. (P75)

Pouco tempo e dificuldade com indisciplina. (P189)

Como comentado anteriormente nas análises do Gráfico 8, outra queixa dos professores que responderam 'sim' foi sobre o caráter interdisciplinar da cor, que envolve questões importantes da física, química e biologia. De acordo com um dos professores, a dificuldade em trabalhar teoria da cor em sala de aula se dá:

Principalmente ao explicar as características mais científicas, físicas e químicas. Os alunos acabam tendo dúvidas além de meu conhecimento e aula preparada, são curiosos em relação a (sic) ciência das cores. (P120)

De modo a superar as dificuldades de base teórica, os professores alegaram ter recorrido ao estudo e à pesquisa em livros didáticos, livros teóricos sobre o assunto, sites, vídeos e artigos disponíveis na internet. Há professores que

buscaram auxílio de colegas de outros componentes curriculares como Física e Biologia. E também aqueles que optaram por recortar o conteúdo estudado e focar naquilo que dominam.

Buscando criar formas interessantes de dar minhas aulas, com pesquisas diversas (p. ex. fazer o arco-íris fora da sala, com mangueira de água e dentro da sala refletindo os raios do sol com CD, dentre outros), buscando livros da literatura infantil, livros de Arte e também na Internet. (P006)

Ampliei o leque de pesquisas em algumas situações, foquei no conteúdo que domino e, em outras, solicitei informações aos professores de física da escola e propus experiências em sala. (P120)

Tenho buscado experimentar novos meios de provocação e de trabalho com os estudantes. Observo-os durante o trabalho com as cores. Às vezes pesquiso algumas informações ou formas na internet. No que se refere à teoria da cor, nas pesquisas que fiz, não encontrei fontes e/ou informações que me auxiliassem a compreendê-la. Em grande parte das vezes repetem-se tabelas e gráficos ou esquemas, sem que de fato eu consiga estabelecer relação com a composição ou construir algum conceito ou compreensão do que vejo ou leio. (P140)

Há também aqueles professores que optaram por abordar a cor em sala de aula diluída em outros conteúdos ou mesmo não abordá-la. De acordo com os relatos

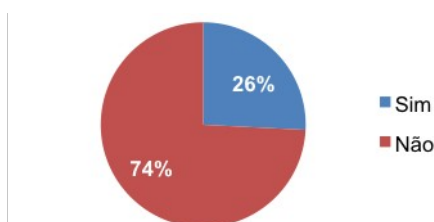


Gráfico 10: Percentual de professores que utilizam ou não o livro didático para trabalhar teoria da cor nas aulas de Arte.

dos professores colaboradores, isso se deve à insegurança em trabalhar o conteúdo, ou mesmo à falta de conhecimento acerca dele:

O que aprendi foi o básico, não me sinto a vontade para trabalhar cor, falo de cor em meio a outro assunto. (P077)

Na verdade, como não possuo conhecimento no assunto, nunca abordei esse tema em sala. (P014)

Em especial, dois professores destacaram em seus relatos dificuldades em trabalhar teoria da cor com turmas específicas. O primeiro se refere aos comandos em Libras no estudo da cor com turmas de alunos surdos do ensino fundamental e o segundo, no trabalho de leitura, análise e criação artística com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da cor no Design com alunos do ensino médio.

Com alunos do ensino fundamental I, não conseguiram compreender a composição cromática apenas com comandos... Saíram misturando tudo... Meus alunos são surdos, os comandos são todos feitos em língua de sinais. (P158)

Como desenvolver um trabalho com cor que não seja técnico ou teórico. O que mais desejo é que os estudantes percebam que a cor se constitui um veículo significativo na composição. Muitas vezes percebo que na leitura de imagens as cores passam despercebidas e os sentidos e/ou significação são mobilizados pela imagem figurativa, em detrimento da cor. No que se refere à criação dos estudantes, percebo que, por mais que busque estimular a mistura da cor para obtenção de novas tonalidades, estimular que descubram efeitos e formas de utilizá-las, na grande maioria das vezes ainda trabalham com as cores prontas (mesmo eu só trabalhando com azul, vermelho, amarelo, preto e branco - para que eles se vejam estimulados a criar - as poucas misturas param na obtenção da primeira cor próxima ao que desejavam). Essa dificuldade é verificada especialmente no trabalho na EJA de 5ª a 8ª série, onde mais exploro esse recurso. Trabalho tanto com o lápis de cor aquarelável quanto com tintas diversas. De qualquer forma, nunca fiz um trabalho com cor que contemplasse muitas das opções presentes na questão anterior. Eu mesmo sinto dificuldade para a composição em meus trabalhos visuais. Muitos dos resultados que gosto são mais resultado de um achado intuitivo do que de um saber consciente. Também já tentei trabalhar com a questão da cor no design e na composição com estudantes de Ensino Médio, nesse foi ainda mais difícil, pois se nem eu compreendia muitas das informações que encontrava em minhas pesquisas, imagina propor processos que para os estudantes compreendessem. (P145)

Além da prática da polivalência no ensino de Arte, da falta de espaço físico adequado nas escolas, do difícil acesso a materiais como, por exemplo, pigmentos de boa qualidade a um preço acessível no mercado brasileiro, e da baixa carga horária destinada ao componente curricular Arte nos diferentes

níveis e modalidades da educação básica, o livro didático de Arte foi indicado como mais um fator de dificuldade no ensino da cor. De acordo com os relatos de alguns professores colaboradores, quando os livros didáticos de Arte disponíveis no mercado ou distribuídos em programas como o PNLD apresentam conteúdo sobre cor muitas vezes o fazem de modo superficial, repetitivo ou pouco objetivo.

Falta de material (livros) que falem claramente sobre as cores a fim de melhorar a argumentação na explicação com essa relação de diversidade e de como vemos as diferentes cores e suas tonalidades. (P148)

Tive que montar meu próprio material didático, com pranchas A3 xerocadas coloridas sobre o círculo cromático e a Roda das Cores, bem como outros exercícios escritos e imagéticos. As bibliografias existentes são raras e quando encontradas se resumem a livros didáticos com exercícios repetitivos e sem graça (tipo receitas) e conteúdos pobres e superficiais. Utilizo livros de Arte e também da literatura infantil, para exemplificar os estudos da cor nas minhas aulas. Criei também uma metodologia de pesquisa, os alunos descobrem as cores primárias, secundárias e terciárias por meio da investigação (experiências diversas) e só depois é que entro com a conceituação e a teoria propriamente dita. Trabalhamos também com as cores neutras e as tonalidades pela experimentação, bem como os esquemas frios, quentes, análogos, complementares e monocromáticos. Primeiro vivenciamos, depois conceituamos. (P006)

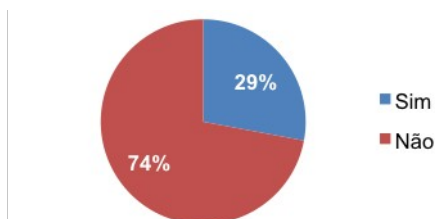


Gráfico 11: Percentual de professores que alegaram que sim ou que não para a pergunta 'Você tem ou já teve alguma dificuldade em utilizar o livro didático para trabalhar teoria da cor em sala de aula?'.

De fato, pesquisas anteriores (QUATTRER; GOUVEIA, 2016) permitem afirmar que o livro didático de Arte, no que diz respeito ao ensino da cor, apresenta problemas conceituais e está desatualizado ou em pouca sintonia com as circunstâncias e necessidades atuais.

Dando prosseguimento ao questionário, foi perguntado aos professores se eles utilizam o livro didático para trabalhar teoria da cor em sala de aula (Gráfico 10). Dos 182 professores que responderam a essa questão, 74% não utilizam o livro didático para trabalhar teoria da cor em sala de aula enquanto 26% o utilizam.

Solicitamos, então, aos 25,8% de professores que responderam 'sim' que nos indicassem qual livro é usado por eles (nome, editora, etc.). Das 39 respostas, listamos os livros didáticos (Tabela 4), os sistemas de ensino (Tabela 5) e livros teóricos sobre cor e Arte (Tabela 6).

Tabela 4: Livros didáticos indicados pelos professores de Arte.

Título do livro didático	Autor(es)	Editora
Arte	Vários autores	SEED-PR
A arte de fazer arte	Denise Akel Haddad e Dulce Gonçalves Morbin	Saraiva
Ápis - arte	Eliana Pougy	Ática
Arte em interação	Tatiane Cristina Gusmão, Perla Frenda, Hugo B. Bozzano	IBEP
História da arte - ensino médio	Graça Proença	Ática
O sabor da arte	Andréia Torres e Tânia Mello	Construir
Por toda parte	Solange Utuari, Daniela Libâneo, Fábio Sardo e Pascoal Ferrari	FTD
Projeto araribá plus arte	Edições Educativas da Editora Moderna	Moderna

Projeto radix arte	Beá Meira	Scipione
--------------------	-----------	----------

Tabela 5: Sistemas de ensino indicados pelos professores de Arte.

Sistemas de ensino
Plataforma de Ensino Eleva
Portal Aprende Brasil - Positivo
Sistema COC de Ensino
Sistema de Ensino Objetivo
Sistema Positivo de Ensino

Tabela 6: Livros teóricos indicados pelos professores de Arte.

Título do livro	Autor(es)	Editora
A cor como informação	Luciano Guimaraes	Annablume
A interação da cor	Josef Albers	Martins Fontes
Da cor à cor inexistente	Israel Pedrosa	SENAC
Doutrina das cores	Johann Wolfgang Von Goethe	Nova

		Alexandria
O guia completo da cor	Tom Fraser e Adam Banks	SENAC São Paulo
Sintaxe da linguagem visual	Donis A. Dondis	Martins Fontes
Universos da Arte	Fayga Ostrower	UNICAMP

Perguntamos aos professores se eles já tiveram alguma dificuldade em utilizar o livro didático para trabalhar teoria da cor em sala de aula. Dos 166 professores que responderam, 74% não tiveram dificuldades e 29% responderam que sim (Gráfico 11).

Ao serem questionados sobre como lidaram com essa dificuldade, alguns professores afirmaram que optaram por deixar o livro didático de lado e desenvolver seus próprios materiais didáticos a partir de pesquisas em livros, artigos e sites na internet sobre o assunto:

Explico aos alunos que há discordância entre os autores, informo que há outras nomenclaturas (magenta, ciano). (P117)

Pesquisei conteúdos paralelos ao material oferecido do livro, propus atividades mais práticas e experimentais, contextualizei o conteúdo com obras e artistas da história da arte, e em alguns momentos resumi ou sintetizei o conteúdo para se adequar a realidade do grupo. (P120)

Afirmaram ainda terem verificado nos livros didáticos de Arte adotados pouco aprofundamento no conteúdo cor e problemas conceituais.

Não conheço alguns conceitos sobre cor, isso dificulta bastante o aprofundamento. Os livros didáticos trazem conceitos errados e confusos. (P002)

(..) livros didáticos de arte (dos que tive contato), no máximo chegam a citar as [cores] complementares. (P145)

De modo geral, os professores relataram que, quando não estão satisfeitos com o livro didático, complementam e/ou adaptam o conteúdo, até mesmo deixando de utilizá-lo de acordo com a necessidade da turma e com os recursos disponíveis na escola.

Para encerrar o questionário, foi solicitado aos professores que comentassem as facilidades e dificuldades encontradas em seu cotidiano profissional, no que diz respeito ao ensino da cor. Dos 185 professores colaboradores que atuam na educação básica, 130 escreveram seus comentários a respeito. Novamente o espaço físico, os materiais, o tempo de duração das aulas de Arte e salas super lotadas ganham destaque nos relatos quando se trata do ensino da cor.

Trabalhando em uma escola parque, na maioria das vezes temos quase tudo que precisamos e isso é fundamental para uma prática satisfatória. Temos as tintas necessárias, lápis de cor de boa qualidade, giz pastel, em geral isso tem facilitado na estimulação das crianças. E quando se tem praticamente tudo, o trabalho fica extremamente prazeroso. (P012)

Dou aulas dentro da própria sala de aula dos alunos, não tenho sala de Arte, mas isso jamais me impediu de trabalhar qualquer conteúdo e tentar possibilidades diferentes nas ações a serem desenvolvidas. Tenho o material básico, vários tipos de papéis (crepom, color set, fantasia, camurça, sulfite colorido, cartolina, laminado...) e tinta guache. Minhas aulas são semanais numa carga horária de 1h40min. Trabalho dentro da minha realidade, adaptando conteúdos e procedimentos de ensino-aprendizagem a partir disso. Desse modo, desenvolvo o conteúdo cor em várias aulas durante o ano. Já trabalhei um semestre inteiro priorizando esse conteúdo, sem nos entediar. Cada aula uma novidade, um grau a mais de dificuldade, gradativamente. (P006)

Espaço adequado, aulas curtas demais para atividades práticas, resistência da coordenação em apoiar atividades que gerem movimentação e barulho - os alunos ficam mais animados quando as atividades são práticas. Falta de material suficiente e adequado para trabalhar com a quantidade de alunos por sala. (P020)

Por se tratar do ensino público, as dificuldades se encontram na disponibilidade de materiais, muitos alunos e escolas não têm nem lápis de cor para usar (...). (P009)

Nos relatos a seguir, os professores destacaram também questões relacionadas ao interesse dos alunos quando se trata do componente curricular Arte e, em especial, do ensino da cor. De acordo com os professores, os alunos da educação infantil e do ensino fundamental são, em sua maioria, mais curiosos e interessados no estudo da cor.

Uma das facilidades que encontro na turminha de educação infantil que atuo são as curiosidades, ou seja, tudo para eles nessa fase é interessante, então isso é muito bom. (P188)

(...) cor é um assunto que desperta interesse na turma. Seja estimulando o interesse do grupo através das cores de times de futebol, de roupas que estão na moda ou que eles desejam, da maquiagem, do que eles veem na TV ou filmes. (P063)

A maior facilidade é que os alunos gostam do conteúdo e são curiosos aos seus desdobramentos e ligações com outras disciplinas. (P120)

Entretanto, os relatos apontam que no ensino médio, em que a carga horária do componente curricular Arte é bem menor em relação aos outros níveis de ensino, há relatos de casos de desinteresse pelas aulas, tratada pelo alunos e, muitas vezes, pela própria equipe gestora, como um componente curricular de menor importância frente aos outros.

(...) a principal dificuldade se encontra na falta de interesse e na indisciplina de muitos alunos. (P009)

A maior dificuldade que encontro normalmente é a falta de importância que se trata o assunto - o aluno não percebe que é mesmo necessário muito conteúdo sobre a teoria da cor. É parte essencial para sua base formadora. (P025)

(...) Apoio da direção e colegas, pois Artes às vezes parece ser um tapa buraco. Quando trabalhamos com tinta, os professores querem morrer por conta da sujeira que é saudável, pois sem sala própria nos viramos. (P167)

Segundo alguns professores, as diretrizes curriculares de redes de ensino públicas como, por exemplo, a Secretaria Municipal de Educação de Campinas e a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, não contemplam conteúdos sobre teoria da cor:



Figura 1: Aula teórico-prática sobre matizes e tons para desenvolvimento da percepção cromática. Fonte: Própria(2016).



Figura 1: Exercício prático para desenvolvimento da percepção cromática. Fonte: Própria (2016).

Os currículos da rede estadual paulista e da SME de Campinas não contemplam a teoria da cor. Se não me engano o da SME cita como elemento da composição e no máximo faz referência às cores quentes e frias, primárias, secundárias e terciárias. (P145)

A maior dificuldade é do currículo oficial do Estado de São Paulo praticamente nem trazer este assunto, portanto devemos executar apenas o currículo e este tema fica engavetado, ao menos é assim na minha unidade escolar. (P170)

Já o uso das novas tecnologias em sala de aula foi apontado como positivo para a maioria dos professores que fazem uso da internet, equipamento multimídia e projetor em suas aulas, o que favorece o trabalho com o material didático pesquisado ou desenvolvido pelo próprio professor.

Bem, com as novas tecnologias em sala, o suporte para leitura de imagens, contato com diversas teorias e experiências com a cor tudo mudou. A capacidade para buscar o conhecimento avançado está muito mais acessível. E os alunos também trazem muitas informações. (P044)

Para trabalhar teoria da cor utilizo slides porque facilita a visualização do círculo cromático além de ajudar na dinâmica e organização do tempo. Faço uso também de alguns vídeos informativos. (P107)

A maior parte do material que utilizo é produzido por minha própria conta ou buscado em outros espaços. Ultimamente tenho utilizado bastante o Youtube como fonte de vídeos. (P177)

Entretanto, apesar de facilitadores, de acordo com um dos professores colaboradores, as novas tecnologias podem ser também um complicador para as aulas de Arte. É o caso de projetores descalibrados e determinados tipos de monitores de computadores disponíveis nas escolas, como podemos observar no relato a seguir:

O maior problema é não contar com um bom e grande monitor com precisão de cores para trabalhar com os alunos, tenho que me virar com um datashow que distorce bastante as cores. Além disso, nas aulas em laboratório de informática os monitores disponíveis não são dos que prezam por fidelidade de cor ou luz, são monitores TN⁴, quando no mínimo deveríamos ter monitores IPS⁵. (P138)

Mais uma vez, o caráter interdisciplinar da cor foi citado pelos professores como uma dificuldade a ser superada pelos professores através do estudo, da pesquisa e do trabalho em conjunto com colegas de outros componentes curriculares:

(...) Facilita muito quando faço a abordagem da teoria da cor de maneira interdisciplinar com os professores de Física, Química e Literatura. Mas não é sempre que os professores aceitam a interdisciplinaridade com Artes (sic), pois alguns se queixam de ter que mudar o plano de aula (que é uma pena...). (P063)

A maior dificuldade é a falta de interdisciplinaridade, professores das ciências no fundamental se recusam a realizar trabalhos em conjunto e nem sempre abordam o conteúdo em suas aulas. A maioria dos professores do fundamental tem formação em Biologia e não abordam o conteúdo. No médio os professores, passam batido e trabalham apenas superficialmente o conteúdo de cores, sem envolvimento prático em 99% das vezes. Faz 4 anos que solicito ao laboratório da escola a aquisição de um prisma, e os professores das ciências sempre o riscam da lista, priorizando a aquisição de outros itens. (P120)

Acerca dos temas transversais proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte (PCN), como a Pluralidade Cultural e o ensino das histórias e culturas Afro-Brasileira e Indígena, em acordo com a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, os professores também relataram dificuldades em trabalhar e desconstruir questões culturais e mesmo preconceitos no uso da cor nas aulas de Arte como, por exemplo, o lápis cor da pele, as cores culturalmente relacionadas ao feminino e ao masculino e as cores que representam um determinado time de futebol.

Dificuldades em romper com preconceitos atrelados a cor, por exemplo cor de menina e menino (rosa e azul); cores que representam times de futebol; cor de "pele". (P040)

A cor da pele, em especial, é uma termo muito aplicado por professores e alunos para denominar um tom de laranja usado para colorir as áreas de pele em autor-retratos e desenhos de figuras humanas em geral e que reflete o racismo presente na sociedade brasileira. O termo vem sendo discutido e desconstruído por professores em suas salas de aula e por iniciativas de enfrentamento das

questões raciais como, por exemplo, o Curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO – Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola que desenvolveu, em parceria com a empresa Koralle, uma caixa de giz de cera com diferentes cores de pele.

Por fim, parte dos professores colaboradores refletiu sobre sua prática docente e se mostrou interessada em estudar e aprofundar o conhecimento acerca da teoria da cor.

Confesso que, especificamente no meu caso, o desconhecimento da teoria da cor e a falta de vivência no trabalho com ela, sejam os principais responsáveis pela pobreza de meu trabalho com cor junto aos estudantes e de minha visão quanto às possibilidades desse trabalho. Com uma boa formação, acredito que teria condições de ampliar esse trabalho e relacioná-lo às várias linguagens artísticas, sem que para isso ele precisasse ser técnico ou específico. (P145)

Penso que há fragilidades que vem da formação inicial e que se perpetuam na escola, mas as formações contínuas poderiam auxiliar (...). (P168)

A formação continuada foi citada por um dos professores colaboradores como uma possibilidade de compensar as defasagens da formação inicial daqueles que não cursaram uma disciplina específica em teoria da cor na graduação ou que, mesmo tendo cursado, têm interesse em se aprofundar ou compartilhar suas experiências no assunto. Desse modo, junto ao grupo de pesquisa Mantis - cor, cariz e sintaxe visual (CNPq/UNICAMP), estruturou-se o Curso de Formação Docente Arte e Educação Inclusiva: a percepção da cor e sua estruturação teórica para fins didáticos, oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) *Campus Belford Roxo* aos professores de Arte e Professores da Educação Infantil atuantes na educação básica da rede pública e particular da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com o objetivo de contribuir na complementação da formação dos professores no que diz respeito ao entendimento e aplicação em sala de aula dos conceitos da teoria da cor.

O Curso de Formação Docente Arte e Educação Inclusiva: a percepção da cor e sua estruturação teórica para fins didáticos é um curso teórico-prático destinado a complementação e qualificação da formação dos professores de Arte e

Educação Infantil, associando o ensino da cor aos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte (1997), tais como a Pluralidade Cultural e às culturas Afro-Brasileira e Indígena, em acordo com a Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008. O curso contou com carga horária total de 48 horas/aula divididas em seis encontros semanais com carga horária de 8 horas/aula (sendo 4h/a presenciais e 4h/a não-presenciais). A cada encontro discutiu-se um tema a respeito do ensino e aprendizagem da cor com bibliografia e procedimentos metodológicos adequados. Tais como, aulas expositivas com projeção de material ilustrativo digital, leitura dirigida, exibição de filmes, debate e dinâmica de grupo; aulas teórico-práticas com exercícios de análise e seleção de valores de matizes e tons para desenvolvimento da percepção cromática (Figura 1), elaboração de círculo cromático (Figura 2), escalas cromáticas e acromáticas (recorte e colagem sobre papel), a análise dos conceitos de cor apresentados pelos livros didáticos de Arte, utilização dos computadores com jogos digitais; oficina de óculos 3D e criação de imagens 3D.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cotidiano escolar, são frequentes as situações em que o aluno usa como critérios de avaliação a escolha e o uso da cor no trabalho de Arte para analisar e avaliar a sua produção e a dos colegas. E, apesar de ser um dos elementos de sintaxe visual mais importantes, as análises do questionário ‘A cor e o professor de Arte’ apontam que muitas vezes o ensino da cor é tratado com menor importância em relação aos demais conteúdos de Arte, o que contribui para a perpetuação dos problemas conceituais de ensino da cor. Seja porque falta ao professor conhecimentos teóricos básicos em teoria da cor, tempo de aula, materiais e/ou estrutura física adequada, o fato é que são poucos os professores que afirmam desenvolver com seus alunos procedimentos de ensino-aprendizagem da cor em consonância com as circunstâncias e necessidades da sociedade contemporânea e que se atentem a temas transversais proposto pelos

Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte (1997), como a Pluralidade Cultural, e o ensino das histórias e culturas Afro-Brasileira e Indígena, em acordo com a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.

É preciso proporcionar ao professor de Arte, desde a sua formação inicial até a formação continuada e aperfeiçoamento, conhecimentos teóricos básicos que o possibilitem compreender a cor enquanto resultante sensível do processo perceptivo, bem como capacitá-lo na didática desses conceitos para crianças e adolescentes. Nesse âmbito, o Curso de Formação Docente Arte e Educação Inclusiva: a percepção da cor e sua estruturação teórica para fins didáticos se mostrou uma saída para subsidiar professores de Arte no que diz respeito à teoria da cor enquanto não se acrescenta uma disciplina específica sobre teoria da cor na grade curricular das Licenciaturas em Artes Visuais.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) Campus Belford Roxo, ao Prof. Pedro Felipe Pinho Souza e à Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus pela contribuição no Curso de Formação Docente Arte e Educação Inclusiva: a percepção da cor e sua estruturação teórica para fins didáticos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte: Ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC/SEF, 1997.

GAGE, J. Color in art. Londres: Thames & Hudson, 2006.

SILVA, J. M. K. Sala de arte: a importância do espaço. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produção didático-pedagógica, 2008. Curitiba: SEED/PR., 2011. v.2. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1657-8.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2017.

QUATTRER, M.; GOUVEIA, A. P. S. O ensino da cor nos livros didáticos de Arte. In: Simpósio sobre Materiais e Recursos Didáticos, 4., 2015, Rio de Janeiro. Anais do V Simpósio sobre o Livro Didático de Língua Materna e Língua Estrangeira & do IV Simpósio sobre Materiais e Recursos Didáticos, São Paulo: Blucher Design Proceedings, 2016. São Paulo: Blucher, 2016. p. 40-52. Disponível em: <<http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/22570>> Acesso em: 29 mai. 2017.

NOTAS

1 A prática docente no componente curricular Arte do ensino fundamental, que se deu entre fevereiro de 2009 e maio de 2016 culminou na pesquisa de Doutorado em Artes Visuais do qual o presente artigo é parte. Tal experiência possibilitou observar que as dificuldades em trabalhar a cor na aulas de Arte na rede pública de educação básica brasileira eram também compartilhadas tanto por colegas da rede pública, quanto da rede particular. Estes por sua vez, alegaram deficiências na formação acadêmica, no que diz respeito ao ensino da cor, e dificuldades em trabalhar a cor de modo interdisciplinar. O que refletia em uma maior dependência de livros didáticos de Arte.

2 Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 66583217.4.0000.5404.

3 Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/30096/483-dos-professores-ensino-medio-tem-licenciatura-na-disciplina-que-ministram>>. Acesso em: 18 jan. 2017

4 Twisted Nematic (TN) é a tecnologia mais usada para monitores. Os monitores TN são atrativos tanto pelo custo mais baixo de produção quanto pelo menor consumo de energia.

5 In-Plane Switching (IPS) é a tecnologia para monitores que oferece uma qualidade maior na reprodução de cor. Em relação aos TN, os monitores IPS eram muito mais caros. Atualmente, os Super-IPS (S-IPS) são produzidos a um preço mais acessível.

Artigo submetido em: 11 de Junho de 2017
Aceito para publicação em: 20 de Agosto de 2017